
O USO SOCIAL DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA PELO SURDO: COMPETÊNCIA NA INTERPRETAÇÃO DE UMA NOTÍCIA¹

<https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v7i3.37247>

Marília Ignátius Nogueira Carneiro*
Tânia dos Santos Alvarez da Silva**
Clélia Maria Ignatius Nogueira***

* Universidade Estadual de Maringá – UEM. mariliain@hotmail.com

** Universidade Estadual de Maringá – UEM. tsasilva@uol.com.br

*** Universidade Estadual de Maringá – UEM. voclelia@gmail.com

Resumo

A vida e a educação de pessoas surdas são afetadas pela condição bilingue exibida por alguns e perseguida por muitos e também pelas possibilidades de comunicação digital, porque o mundo muda e a sociedade muda junto. A condição bilingue, conforme estabelecido pela Lei 10.436/2002 (2002), a Lei da Libras, significa o conhecimento, pelo surdo, da Libras e da Língua Portuguesa, na modalidade escrita. Considerando ainda que a Língua Portuguesa escrita é bastante presente na comunicação digital, foi realizada uma investigação acerca do uso social da escrita pelo surdo, com o objetivo de identificar a competência de adultos surdos, alfabetizados, com escolaridade mínima referente ao ensino médio, na interpretação de uma notícia de jornal de mídia eletrônica, que tratava de um acidente que envolvia dois automóveis e pudemos constatar a dificuldade dos surdos em compreender a notícia em todos os seus detalhes e de ser fiel ao que está lendo.

Palavras-chave: educação de surdos, escrita alfabética, leitura e interpretação de texto.

Abstract. The social employment of written Portuguese by the deaf: ability of interpreting the news. The life and education of deaf people are affected by the bilingual condition displayed by some and pursued by many, and also by the possibilities of digital communication, as for the world and society are ever evolving. The bilingual condition, established by the Law 10.436/2002 (2002), the Libras Law, expresses the knowledge and understanding of Libras and of the Portuguese language in its written form by the deaf. Considering that written Portuguese is very present in digital communication, an investigation about the social employment of writing was conducted with the objective of identifying the ability of deaf adults, literate and with no less than secondary school educational level, to interpret the written news of an accident that involved two vehicles, and we were able to evidence the difficulty of the deaf in comprehending the news at hand in all aspects and details and also of being faithful to what was being read.

Keywords: deaf education, alphabetic writing, , reading and interpretation of text.

¹ Este artigo decorre da dissertação de mestrado *O uso social das tecnologias de comunicação pelo surdo: limites e possibilidades para o desenvolvimento da linguagem*, defendida por Marília Ignatius Nogueira Carneiro, em 2016, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, sob a orientação da professora Tânia dos Santos Alvarez da Silva.

Introdução

O interesse para realizar a investigação que subsidia este trabalho faz parte da história de vida de uma das autoras, nascida surda e de suas dificuldades com a Língua Portuguesa, tanto na modalidade oral quanto escrita. Essas dificuldades não são exclusivas dela, ao contrário, é um fator comum para todos os surdos, que pensam em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e precisam escrever em Português, em razão, dentre outros aspectos, segundo Almeida (2000, p. 23), do “[...] pouco conhecimento que os surdos possuem dos recursos da língua portuguesa e considerável limitação no domínio de suas estruturas”, o que pode ser identificado por apresentarem:

[...] léxico limitado; falta de consciência do processo de formação de palavras; uso inadequado dos verbos em suas conjugações, tempos e modos; uso inadequado de proposições; omissão de conectivos e verbos de ligação; uso indevido dos verbos ser e estar; colocação inadequada do advérbio na frase; falta de domínio e uso restrito de estruturas de coordenação e subordinação (Almeida, 2000, p. 23).

Tal dificuldade não acontece apenas para escrever, pois mesmo a leitura é difícil. Dentre os obstáculos apresentados na literatura, o principal seria a restrição de vocabulário, pois “[...] não existem sinais correspondentes a todas as palavras faladas; [...] alguns aspectos morfológicos da língua falada não aparecem na língua de sinais”. Além disso, por terem a Libras como sua primeira língua, os surdos, muitas vezes, ao realizarem a leitura, procuram estabelecer uma correspondência termo a termo entre as palavras escritas e os sinais, o que, de acordo com Pereira (2000), seria inviável, uma vez que, por utilizarem modalidades diferentes de expressão – a Língua Portuguesa é oral-auditiva e a Libras é visual-motora – as sintaxes são diferentes, pois a primeira é linear e a segunda espacial.

Para Gesser (2009, p. 18-19), a Libras e a Língua Portuguesa “[...] são similares em seu nível estrutural, ou seja, são formadas a partir de unidades simples, que combinadas, formam unidades mais complexas” e são diferentes “[...] quanto à forma como as combinações das unidades são construídas”.

Enquanto as línguas de sinais, de uma maneira geral (mas não exclusiva), incorporam as unidades *simultaneamente*, as línguas orais tendem a organizá-las *seqüencialmente/linearmente*. A explicação para essa diferença primária se dá devido ao canal de comunicação em que cada língua se estrutura (visual-gestual x vocal-auditivo) [...] (Gesser, 2009, p. 19).

Além disso, a própria Língua Portuguesa apresenta diferenças, se considerada em sua expressão oral e na forma escrita, de maneira que crianças e jovens ouvintes que se expressam oralmente em Português apresentam dificuldades na produção e na interpretação de textos e, nesse sentido, Gesser (2009, p. 57) recomenda que a escola precisa “[...] rever essa relação entre língua falada e escrita”.

Silva (2008) considera que o aprendizado do Português escrito é ainda um enorme desafio no campo da educação de alunos surdos usuários ou não de Libras. A dificuldade, porém, é ainda maior na interpretação de textos, o que se caracteriza como um problema, pois sem uma boa capacidade de interpretar textos escritos em Português, é muito difícil para o surdo avançar academicamente, uma vez que, segundo Fernandes (2006), os surdos, em suas tentativas de leitura, procuram justapor as estruturas da Libras e da Língua Portuguesa, dificultando a compreensão do texto escrito.

Ao se depararem com o texto escrito, o primeiro impulso é ir sinalizando linearmente palavra por palavra (pulando as desconhecidas), o que é uma estratégia inadequada que não garante a compreensão dos enunciados. Primeiro por não haver isonomia estrutural (correspondência termo-a-termo) entre o português e a língua de sinais. Segundo, porque sinalizavam o primeiro significado que lhes vinham à cabeça, não necessariamente o sentido atribuído à palavra no contexto (Fernandes, 2006, p.11).

Por outro lado, mesmo que o objetivo não seja alcançar a norma culta da língua, ou a continuidade dos estudos para graus superiores, a maioria dos surdos pertence a famílias ouvintes. Como então ele convive com a língua

nacional majoritária do seu país? Será que a acessibilidade é possível sem o Português escrito?

É bem verdade que ninguém é igual ao outro, no entanto, ninguém gosta que os outros decidam por ele. Assim, indagamo-nos: será que aprender Português escrito pode ser uma escolha do surdo? Ou se trata de um requisito imperioso para que este indivíduo interaja em nossa sociedade, majoritariamente ouvinte e falante da Língua Portuguesa?

Este tema é relevante porque com a difusão da ideia do respeito à cultura, à língua dos surdos, à sua dificuldade com o Português escrito e com a consideração de critérios diferenciados de correção para provas discursivas, percebe-se que o ensino da Língua Portuguesa escrita vem perdendo ênfase na educação dos surdos, apesar de sua obrigatoriedade estar determinada no parágrafo único do Artigo 4º da Lei 10.436 (2002), a Lei da Libras:

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.
Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Se a criança surda não aprender a Língua Portuguesa e crescer, estudar e mesmo se formar no ensino médio, apoiada exclusivamente na Libras, como ela viverá em sociedade sem saber ler e escrever? Será que ela precisará de intérprete de Libras para a vida inteira? Segundo Lopes e Rech (2013), dos 5.700.000 surdos brasileiros, quase um milhão é praticamente analfabeto em sua segunda língua, a Língua Portuguesa. Esse dado é alarmante e digno de preocupação.

Então, os surdos que conseguiram avançar em sua escolaridade estão aptos a fazer um bom uso social da escrita? Esta pergunta é pertinente, porque, na maioria das vezes, em situações de ensino, por exemplo, com a presença do intérprete, o surdo quase não lê, pois os conteúdos são sempre interpretados e, portanto, não existe diferença se ele sabe ou não ler com

significado. Assim, o surdo pode ser alfabetizado, isto é, consegue ler o que está escrito, mas nem sempre compreende.

O surdo e a escrita alfabética

Vale ressaltar que a Libras é uma língua visual e sua representação escrita não corresponde à Língua Portuguesa escrita, que está ancorada na escrita alfabética. Entretanto, estudos como os de Karnopp e Pereira (2013) indicam que a Libras ajuda o surdo a alcançar o significado da palavra escrita e, dessa forma, motiva a aprendizagem da escrita.

Adquirida a língua de sinais, ela terá papel fundamental na aquisição da leitura e da escrita. É ela que vai possibilitar, em um primeiro momento, a constituição de conhecimento de mundo, tornando possível aos alunos surdos entenderem o significado do que leem, deixando de ser meros decodificadores de escrita. Por sua vez, a língua escrita, por ser totalmente acessível à visão, é considerada fonte necessária a partir da qual o surdo possa construir suas habilidades de língua (Karnopp & Pereira, 2013, p. 35).

Na mesma direção, Gesser (2009) considera imprescindível que se utilize a Libras no ensino da escrita para o surdo.

O ensino da escrita para os surdos [...] tem que ser, indiscutivelmente, promovido na língua primeira de sinais. Atualmente há um consenso entre especialistas sobre o fracasso escolar em relação à aquisição de conhecimento e ao desenvolvimento da linguagem (escrita) quando a língua de sinais não é utilizada como língua de instrução (Gesser, 2009, p. 59).

Ferreiro e Teberosky (1986, p. 269), orientadas por pressupostos piagetianos, afirmam sobre o aprendizado da escrita por crianças ouvintes, que “ler, não é decifrar, escrever não é copiar”. A reflexão proposta por Ferreiro e Teberosky (1986), portanto, é um alerta também para educadores de surdos.

Convém destacar que para o surdo, a decodificação, ou seja, a conversão do fonema em grafema e do grafema em fonema, não ocorre, em razão da privação sensorial auditiva e, assim, muitos surdos tornam-se copistas sem, infelizmente, compreenderem o significado dos textos.

Nesse sentido, a linguagem escrita é uma grande preocupação na área de surdez, porque ela ainda é um desafio para os estudantes surdos, já que a interação pela linguagem assegura a humanização das pessoas. Dessa forma, a privação de interações linguísticas impõe prejuízos acentuados no processo de desenvolvimento de todos os sujeitos e não são apenas os surdos que enfrentam dificuldades dessa ordem. Entretanto, por serem usuários de uma língua sinalizada, eles foram penalizados, ao serem obrigados a empregar uma língua oral, ou a sua representação escrita, ambas de difícil acesso a pessoas privadas da audição.

Lodi (2013), ao discutir as relações estabelecidas entre as línguas, aponta que a escrita confere poder e desenvolvimento ao seu usuário, além de auxiliar o funcionamento e a preservação da memória. Para esta autora, a pessoa que não domina os códigos linguísticos socialmente valorizados, passa a ocupar, socialmente, o papel de iletrada. Assim, como a escrita não está apenas na escola, mas também no meio social, as pessoas iletradas têm dificuldades de interagir no meio em que vivem, pois elas não conseguem se desenvolver numa sociedade de pessoas letradas. A autora esclarece, ainda, que o uso da escrita conduz à consolidação de melhores formas de expressão da língua, então, pela utilização da escrita, os usuários do sistema alcançam um padrão culto de uso da língua, a gramática torna-se mais rica, além disso, os conhecimentos são registrados e transmitidos de forma precisa.

Ademais, é válido lembrar que as pessoas surdas, no passado, por serem em sua maioria iletradas, eram excluídas da sociedade. Atualmente, do ponto de vista legal, em razão das políticas de inclusão, isso já não acontece, contudo, a representação escrita da língua oral continua oprimindo os sujeitos surdos que não a dominam.

Em relação aos surdos, cabe considerar que, quando ocorre o domínio da escrita, há também uma aquisição de autonomia e de poder, visto que a escrita permite e facilita a comunicação com pessoas ouvintes que não conhecem a

língua de sinais. Assim, a escrita é uma necessidade, para aproximar a minoria surda usuária de Libras, da maioria ouvinte usuária do Português. Nesse sentido, podemos afirmar que a escrita é uma ferramenta de acessibilidade.

De tal forma, a escrita confere poder e *status* aos seus usuários, visto que o domínio das regras e das estruturas gramaticais, ou seja, o uso da norma padrão da língua, além de facilitar o acesso aos bens culturais é socialmente apreciado. Em oposição a isso, o domínio insuficiente desse sistema expõe o usuário a situações de constrangimento e de preconceito social. Assim, os surdos 'sofrem' pelos erros cometidos na escrita da segunda língua (o Português escrito), pois, sentem-se socialmente avaliados e discriminados por seus erros e os assumem como dificuldades de aprendizagem, ou seja, sentem-se julgados por não saberem ler e escrever no padrão exigido por ouvintes.

Os surdos vivem numa sociedade majoritariamente ouvinte e nela aprendem as palavras escritas, que lhes permitem o acesso a informações e a saberes, como Lodi (2013, p. 24) afirma: "acesso aos instrumentos culturais escritos". É de fundamental importância apontar que a sinalização em Libras é, para os surdos, a primeira língua, ou seja, significa a língua afetiva, além disso, para muitos deles, tem raízes na infância, então, não é sem esforço árduo que os surdos se apropriam da escrita da Língua Portuguesa. Assim, ao se apropriar da escrita da Língua Portuguesa, o surdo torna-se bilíngue, contudo, para escrever em Português, ele precisa transitar de uma língua para outra. Logo, ele pensa em Libras, que é uma língua produzida gestualmente, e tenta registrar, por escrito, em Português, que é um sistema de registro de uma língua oral. No entanto, ao tentar escrever em Português, com frequência, o surdo emprega a estrutura gramatical da Libras, que é a língua que ancora seu pensamento, exigindo dele um esforço de aproximação entre as duas línguas.

Karnopp e Pereira (2013) explicam que alguns pesquisadores que investigam a apropriação da escrita de alunos surdos acham que os estudantes têm dificuldades porque precisariam 'ouvir' os fonemas para construir suas habilidades de codificação e de decodificação. Entretanto, existem alternativas para o letramento dos surdos, utilizando as práticas sociais que independem da capacidade de ouvir.

Sua aprendizagem (da escrita) é concebida como apropriação de um novo objeto de conhecimento, com propriedades específicas, e usada como suporte de ações e de intercâmbios sociais. As práticas pedagógicas vão incidir sobre o ensino-aprendizagem da escrita como prática social [...] (Karnopp & Pereira 2013, p. 34).

Atualmente, o sistema de leitura e de escrita é a principal via de acesso ao conhecimento e à interação social. Assim, para poderem estar conectados e se sentirem participantes do mundo, os surdos precisam ser não apenas sinalizantes fluentes, mas também letrados.

Fernandes (2003) defende a possibilidade de o surdo adentrar ao sistema de escrita do Português, pela via do letramento. Na perspectiva da autora, os surdos podem, com mediações adequadas e intencionais, tornar-se letrados mediante contribuições da prática social. Por exemplo, eles vão ao supermercado, leem os rótulos, as propagandas, os cartazes contextualizados dos supermercados e, assim, a assimilação do significado social da informação escrita é facilitada e pode ser adquirida por meio da prática social.

É importante distinguir os significados de alfabetização e de letramento, pois tais processos, embora sejam diferentes, não se separam. Na alfabetização, o indivíduo aprende a escrever pelo processo convencional, atribuindo valor sonoro para letras, sílabas e palavras, com isso está 'aprendendo e adquirindo' novas palavras e construindo a estrutura gramatical. Dependendo da maneira como a criança ou o adulto é alfabetizado, podem ser apresentadas palavras e frases desconhecidas e, orientado pelo conhecimento da dinâmica do sistema alfabético, o aprendiz consegue ler o que está escrito, mas essa leitura nem sempre conduz à compreensão do conteúdo lido. Esse processo é diferente do letramento, em que o indivíduo letrado estabelece uma relação direta com os significados, porque tanto a leitura quanto a escrita são construídas mediante a prática social, sendo, portanto, contextualizadas.

Para Fernandes (2006), a alfabetização dos surdos não deve seguir a rota fonológica, ou seja, a que relaciona o fonema ao grafema e considera a pronúncia da palavra, letra a letra, como é feito

no processo convencional, mas sim seguir a rota lexical ou ortográfica, na qual a identificação da palavra ocorre sem a pronúncia da palavra (rota fonológica), mas por meio de seu reconhecimento visual. Assim, a palavra escrita, no ensino voltado aos alunos surdos, deve ser relacionada ao conceito que representa, sem recorrer à sua estrutura sonora.

Os princípios que norteiam a proposta de Fernandes (2006, p. 8) evidenciam que não existe escrita sem uma leitura e são:

- o letramento toma a leitura e a escrita como processos complementares e dependentes (o português é o que o aluno lê/vê);
- o letramento considera a leitura e escrita sempre inseridas em práticas sociais significativas;
- há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades do leitor/escritor em seu meio social e cultural.

Todavia, embora os conceitos de alfabetização e de letramento possam ser melhor compreendidos quando, por uma conduta didática intencionalmente planejada, são apresentados de modo separado, eles são verdadeiramente indissociáveis. Isso ocorre porque o domínio da leitura e da escrita exige tanto o conhecimento do código alfabético quanto a capacidade de atribuir significado à produção escrita.

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a *alfabetização* – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o *letramento* (Soares, 2004, p. 14).

Aprender a Língua Portuguesa escrita é um desafio para os surdos, conforme atesta Gladys Perlín (1998), doutora e pesquisadora surda:

É tão difícil escrever. Para fazê-lo meu esforço tem de ser num clima de

despender energias o suficiente demasiadas. Escrevo numa língua que não é minha. Na escola fiz todo esforço para entender o significado das palavras usando o dicionário. São palavras soltas, elas continuam soltas. Quando se trata de pô-las no papel, de escrever meus pensamentos, eles são marcados por um silêncio profundo. Eu preciso decodificar o meu pensamento visual com palavras em português que têm signos falados. [...] Tudo parece um silêncio quando se trata da escrita em português, uma tarefa difícil, difícilíssima. Esse silêncio é a mudança? Sim, é. Fazer frases em português não é mesmo que fazê-las em Libras. Eu penso em Libras, na hora de escrever em português eu não treinei o suficiente para juntar numa frase todas as palavras soltas. Agora no momento de escrever, eu escrevo diferente. Quando eu leio o que escrevo, parece que não tem uma coisa normal como a escrita ouvinte, falta uma coisa, não sei o que. Não sei se o que escrevo são palavras minhas, elas são exteriores, não fazem parte de meu contexto. (Perlin, 1998, p. 57).

O fato é que os surdos fazem parte de uma sociedade ouvinte, sustentada na língua falada e, assim, precisam desenvolver habilidades ligadas à percepção da leitura e da escrita dessa língua, para poderem nela conviver. Assim, a Lei n. 10.436 (2002), que reconhece a Libras como uma língua oficial brasileira estabelece, também, que ela não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa. A leitura e a escrita da língua pátria garantiriam ao surdo não apenas a inserção na sociedade ouvinte, mas, principalmente, o seu direito de expressão.

Laborit (1994), escritora surda francesa, afirma que a palavra escrita é muito importante, é um símbolo que facilita e influencia os surdos a aprenderem e a se desenvolverem melhor por meio da língua escrita. Para essa autora, a escrita ajuda o surdo a compreender o significado das palavras, porém, destaca que a maioria dos surdos não utiliza bem a escrita, que é uma forma de expressão peculiar dos ouvintes, pois se sustenta nos sons. As palavras escritas não apresentam imagens, como as línguas de sinais.

Uma palavra é uma imagem, um símbolo. Quando me ensinaram 'ontem' e 'amanhã' na língua de sinais, quando consegui entender o seu significado, pude falar oralmente com mais facilidade, escrever

essas palavras com mais facilidade! (Laborit, 1994, p. 163).

A língua escrita e a de sinais são visuais, embora a escrita, por não conter imagens, exige uma grande abstração por parte do surdo. É como se no cérebro dele existisse um 'dicionário' capaz de converter a leitura para o Português oral e, em seguida, para a Libras, para então ser compreendida pelos surdos. É impossível questionar o pensamento humano porque é abstrato e subjetivo, já que ninguém lê o pensamento do outro, então, para se fazer entender, o sujeito precisa expressar seu pensamento, pela fala, pelas línguas de sinais ou pela escrita. No caso dos surdos sinalizantes, como pertencem a uma minoria linguística, a escrita é a principal forma de comunicação com seu entorno social usuário da língua majoritária.

De maneira geral, acredita-se que a escola, em uma proposta bilíngue, oferece mais oportunidades de aprendizagem da escrita da Língua Portuguesa aos surdos. Foram muitos anos de desafios da comunidade surda para que a luta pelo direito ao uso da Língua de sinais fosse reconhecida e o bilinguismo fosse adotado. Hoje, essa filosofia prepondera no Brasil, considerando a Libras como a primeira língua do surdo (L1) e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, como a segunda língua do surdo (L2).

Escrever é essencial também para a constituição do pensamento abstrato. Os surdos necessitam da escrita para deixarem de ser considerados, como Furth (1968) estabeleceu, *concret minded*, ou seja, "pensamento concreto"²:

Você pode escrever a palavra estrela, mas isto não faz de você o criador da palavra e mesmo que você a apague, ela não foi destruída. As palavras vivem nas mentes daqueles que as usam. Mesmo que eles estejam todos dormindo, elas vivem nas suas memórias. As palavras são tipos gerais e não individuais (Santaella, 1983, p. 68).

A escrita em Língua Portuguesa é essencial para os surdos se incluírem efetivamente à sociedade brasileira, mas, para esta função de inserção apenas social na sociedade dos ouvintes, não há necessidade de um grande aprofundamento no conhecimento da escrita da

² Em referência ao Nível Operatório concreto, estabelecido por Piaget.

Língua Portuguesa. Via de regra, um uso instrumental do Português escrito torna possível a convivência entre surdos usuários de Libras e ouvintes falantes. Contudo, para um estudo mais profundo de qualquer tema, ou seja, para a apropriação de conceitos científicos sofisticados da educação dos surdos nos diferentes níveis de ensino, os alunos precisam, sim, conhecer bem o Português.

Assim, conforme estabelecido no parágrafo único do Artigo 4º da Lei n. 10.436 (2002), a Lei da Libras, destacado anteriormente, a aprendizagem da escrita não é considerada opcional na educação de surdos. Mas, estaria essa aprendizagem acontecendo de forma efetiva? Os surdos que avançaram em sua escolaridade e, portanto, são alfabetizados teriam competência para interpretar um texto com todos os seus detalhes e de ser fiel ao que está lendo, isto é, sem realizar inferências a respeito?

Para conseguir responder a essas questões foi realizada uma investigação acerca do uso social da escrita pelo surdo, com o objetivo de identificar a competência de adultos surdos, alfabetizados, com escolaridade mínima referente ao Ensino Médio, na interpretação de uma notícia de jornal de mídia eletrônica. Ela tratava de um acidente que envolvia dois automóveis e pudemos constatar a dificuldade dos surdos em compreender a notícia em todos os seus detalhes e de serem fiéis ao que estavam lendo.

Metodologia

Participaram como sujeitos colaboradores dessa investigação 10 surdos, integrantes de uma associação de surdos, com idade entre 25 e 40 anos, em que seis deles concluíram a graduação e quatro completaram o ensino médio. Selecionamos, para a composição do grupo de participantes, sujeitos escolarizados, que foram educados na perspectiva oralista³. Nossa intenção nessa escolha foi de podermos verificar o uso social das tecnologias de

³ A perspectiva oralista, de acordo com Goldfeld (1997), entende a surdez como uma deficiência. Orientados por esse entendimento, educadores acreditam que, mediante a estimulação auditiva e a reabilitação da fala, a criança surda poderá aproximar-se dos padrões de linguagem da criança ouvinte; somente assim, seria possível sua integração na sociedade.

comunicação, com e sem o uso da escrita, e os benefícios em linguagem e aprendizagem percebido pelos usuários. Atribuímos aos colaboradores nomes fictícios e apresentamos, a seguir, quadro síntese das características dos sujeitos colaboradores de nossa investigação.

Quadro 01 – Perfil dos sujeitos surdos participantes da pesquisa

Nome	Idade	Sexo	Grau de surdez	Form.	Modalidade de Comunicação
Ana	25	F	Severa	Pós-Grad.	Língua oral, Português escrito e Libras
Eva	44	F	Profunda	Ensino Médio	Português escrito e Libras
Lia	28	F	Profunda	Pós-Grad.	Língua oral, Português escrito e Libras
Rui	28	M	Profunda	Grad.	Língua oral, Português escrito e Libras
Eló	35	F	Profunda	Ensino Médio	Português escrito e Libras
Fabi	26	F	Severa	Pós-Grad.	Língua oral, Português escrito e Libras
Caio	37	M	Profunda	Grad.	Língua oral, Português escrito e Libras
Leo	26	M	Profunda	Ensino Médio	Língua oral, Português escrito e Libras
Luiz	28	M	Profunda	Ensino Médio	Português escrito e Libras
Lara	37	F	Profunda	Pós-Grad.	Português escrito e Libras

Fonte: Dados da pesquisa.

Para a coleta de dados, o instrumento foi uma notícia de um *site* na internet e o objetivo foi identificar a interpretação deste texto pelos sujeitos surdos. As sessões de coleta de dados com os participantes da pesquisa foram individuais.

As entrevistas foram filmadas, com o auxílio de um *smartphone* e transcritas. O tempo de duração da entrevista foi de 30 minutos e nela os sujeitos surdos precisavam interpretar um texto do gênero notícia. Nosso objetivo era que os surdos participantes lessem e explicassem em Libras. A explicação foi para identificar se eles

compreendiam o que liam. Como o foco desta investigação não é a tradução fidedigna, ou completa, o que procurávamos era saber se a informação apresentada pelo texto foi compreendida pelo sujeito surdo.

A notícia relata um acidente de carro. Apesar de estar disponibilizada *on-line*, imprimimos a matéria e a entregamos para os sujeitos da pesquisa, uma vez que a maioria deles precisou ler mais de uma vez para compreendê-la. A seguir, apresentamos o fragmento da notícia que foi instrumento para essa coleta de dados.

Quadro 02 – notícia em português escrito apresentada para interpretação

“Três pessoas morreram em um acidente entre um carro e uma caminhonete na manhã desta sexta-feira (29). Segundo a Polícia Rodoviária Federal (PRF), a batida de frente foi no km-442, da BR-369, em Ubitatã no oeste do Paraná.

De acordo com a PRF, o motorista da caminhonete, que seguia no sentido Campo Mourão, no centro-oeste do estado, invadiu a pista contrária e bateu contra o carro. Ele fez o exame do bafômetro, que não apontou a ingestão de álcool.

Dois homens, de 35 e 48 anos de idade, e uma mulher, de 36 anos, que estavam no carro morreram no local. Os corpos foram levados para o Instituto Médico-Legal (IML) de Campo Mourão.

O condutor da caminhonete, de 24 anos, teve ferimentos leves e foi encaminhado para um hospital em Ubitatã. Segundo a PRF, ele vai responder por triplo homicídio.”

Fonte: RPC - Globo.com. Recuperado em 21 outubro, 2017, de <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2015/05/tres-pessoas-morrem-em-acidente-entre-carro-e-caminhonete-na-br-369.html>

Destacamos que todos os sujeitos leram o texto anterior, no *site*, noticiando o acidente e então explicaram em Libras o que haviam compreendido. Depois de uma primeira tentativa de leitura no *site*, todos passaram a se valer da notícia impressa. Foi possível constatar que, de maneira geral, todos compreenderam a notícia. Entretanto, os detalhes ou foram omitidos ou criados por alguns sujeitos.

Apenas quatro sujeitos leram a notícia e a interpretaram, sem fazer a tradução literal, isto é,

ler e passar para Libras “palavra por palavra”. Pudemos identificar que esses quatro sujeitos (Ana, Lia, Luiz e Fabi) apresentaram uma compreensão da notícia, embora alguns deles não tenham especificado detalhes, como, por exemplo, Lia não mencionou o encaminhamento dos corpos para o IML de Campo Mourão e Luiz nada disse sobre o bafômetro.

Ana demonstrou ter compreendido bem a notícia, mas, por exemplo, omitiu a parte referente ao motorista que provocou o acidente ser indiciado pelo triplo homicídio. Será que ela não compreendeu ou entendeu que esta informação não era relevante?

O assunto é acidente, três pessoas (*caru triste*). A notícia falou que três pessoas no veículo, só um homem de outra caminhonete. Os dois veículos em movimento, quando a caminhonete passou para pista contrária e bateu com o outro veículo. Neste veículo, três pessoas morreram na hora, no local do acidente. Dois homens, um com 35 e o outro com 48 anos, e uma mulher de 36 anos, todos morreram. Um homem se feriu levemente e foi para um hospital em Ubitatã (soletrou). (Pausou e releu o texto). Os policiais desconfiaram, então ela entregou o bafômetro para ver se o motorista estava bêbado e teria, assim, causado o acidente. O homem não havia bebido nenhuma bebida alcoólica. Com (não sinalizou ferimentos) leves foi para o hospital (Ana).

Lia, por sua vez, acrescentou informações que não aparecem na notícia e que resultam de suas reflexões. Por exemplo, como ela pode afirmar que o motorista foi precipitado? Como sabe que ele estava dirigindo normalmente? Como ela afirma que o motorista realizava uma ultrapassagem? A notícia apenas afirma que o motorista invadiu a pista contrária.

Assunto é uma notícia de jornal, relatando o que aconteceu no dia 29, sexta-feira de manhã. O que aconteceu? Aconteceu que na estrada BR 369, região de Ubitatã do Paraná teve um acidente de caminhonete. Um motorista de 24 anos, sozinho, correu dirigindo normalmente, ele foi precipitado na ultrapassagem. No outro carro, 3 pessoas, 2 homens de 35 e 48 anos de idade, uma mulher, 36. Os dois veículos bateram de frente, no carro com 3 pessoas. Todas morreram na hora. O homem da caminhonete, jovem, 24 anos,

não morreu. O grupo de polícia investigou o bafômetro e não encontrou nada de álcool. Mas motorista da caminhonete vai para justiça devido à morte das 3 pessoas. (Lia).

Luiz também fez inferências ao afirmar que o motorista ultrapassou na faixa amarela proibida, informação que não consta na notícia; confunde estrada com avenida. Também não mencionou que o motorista será indiciado pelo triplo homicídio. Simplesmente desconsiderou essa informação ao encerrar sua explicação com a palavra 'só'.

O jornal mostra um acidente de veículos que aconteceu em Ubiratã entre um carro e uma caminhonete. Tinha 3 pessoas num carro. Tinha um homem numa caminhonete. As três pessoas eram, 2 homens, com 35 anos e o outro com 48, e uma mulher de 36 anos. Na caminhonete, outro homem jovem, com 24 anos. O homem na caminhonete estava viajando na avenida. Ele ultrapassou na faixa amarela proibida. Contudo, ele bateu contra o outro carro com 3 pessoas que morreram na hora. O homem da caminhonete não morreu, sobreviveu e só teve machucados leves. As 3 pessoas mortas foram levadas para o IML em Campo Mourão. E o homem sobreviveu e foi para um hospital de Ubiratã. Só (Luiz).

Fabi demonstrou ter a mais completa compreensão da notícia lida, talvez por recorrer ao texto da notícia durante toda sua explicação, não deixou nenhum detalhe sem ser mencionado, inclusive repetindo alguns.

Agora, o jornal divulgou sobre acidente de carro, 3 pessoas mortas por causa de um acidente. Um carro e uma caminhonete, sexta-feira de manhã. A Polícia foi ver o acidente que fica na BR 368, ops, é 369. Certo 369! Lá em cidade de Ubiratã, a caminhonete estava indo para Campo Mourão, sabe como é a pista (mão dupla: uma ida e uma volta). O homem da caminhonete ultrapassou na outra pista (contrária). Não pode ultrapassar, mas ele ultrapassou. O carro e a caminhonete bateram de frente. O homem de caminhonete foi fazer o exame para verificar se estava alcoolizado, mas nada (não estava). No carro, dois homens de 35 e 48 anos de idade, e uma mulher 36 anos de idade, morreram. E o outro homem da

caminhonete, com 24 anos, ficou levemente ferido, mas está no hospital em Ubiratã (lendo e narrando). Os 3 morreram na hora e foram levados para o IML em Campo Mourão. E de novo, o homem da caminhonete, com 24 anos, com ferimentos leves (repetido), foi levado para um hospital em Ubiratã, ele vai responder pelo motivo do acidente que matou 3 pessoas no carro (Fabi).

Os seis que optaram pela tradução palavra por palavra omitiram detalhes ou fizeram inferências, sendo que um sujeito teve muitas dificuldades, pois necessitou de constantes intervenções da parte das pesquisadoras para compreender o significado de palavras como triplo, pista e apontou.

Estes resultados corroboram com os estudos de Fernandes (2006), para quem, os surdos, em suas tentativas de leitura, procuram justapor as estruturas da Libras e da Língua Portuguesa, dificultando a compreensão do texto escrito.

Eva apresentou muitas dificuldades. Conseguiu entender que houve um acidente de carro e que morreram pessoas. Confundiu a palavra Rodoviária da expressão Polícia Rodoviária, com Estação Rodoviária. Entendeu Instituto Médico Legal (IML) como sendo um médico legal, um médico bom. Sem o auxílio das pesquisadoras não conseguiria sequer uma boa noção geral da notícia:

O assunto é uma notícia de jornal que relata um acidente. Três pessoas morreram no carro que bateu em um caminhão. De manhã, dia 29, sexta- feira, segunda hora policial, Polícia Rodoviária (estação) Federal, o local da batida foi no endereço PR 432 BR 369 – Ubiratã (Soletrou) no Oeste do Paraná. O acordo (confirmação) ou acordo (despertar), sei lá. É acordo de PRF, o motorista de caminhão foi no sentido para Campo Mourão, no Centro-Oeste do Estado. Não sei o que é pista? Desculpe, o que é pista? Não sei (A pesquisadora sinalizou pista). Ah, pista é o chão de estrada. O acidente de carro foi encontrado, o homem fez exame de bafômetro? É para expirar o ar no aparelho de bafo? (Pesquisadora sinalizou “sim”). Esqueci, desculpe. Que A-P-O-N-T-O-U (soletrou) de ingestão (soletrou) de álcool. Dois homens de 35 e 48 anos de idade, uma mulher de 36 anos, estavam mortos no carro. Os corpos foram levados

para o lugar de IML – Médico legal (emoção) em Campo Mourão. O condutor (soletrou e não sabe o que é) homem de caminhão foi para hospital em Ubitatã (soletrou). Segundo (soletrou) PRF vai responder sobre triplo (perguntou o triplo é. A pesquisadora esclareceu 3). Ah, sinal é 3, 3 homicídios. São mortos. Só (Eva).

Dos cinco outros sujeitos, um teve uma boa compreensão da notícia, embora simplesmente soletrasse algumas palavras como IML de Campo Mourão. Não há como afirmar se ele compreende o significado desta sigla:

O assunto do jornal é um acidente. 3 pessoas foram mortas por causa de um acidente de carro, com uma caminhonete. Aconteceu de manhã, dia 29, sexta-feira. A Polícia Rodoviária Federal investigou e encontrou o caso no local, no KM 442 BR 369 em região de Ubitatã (fez sinal e soletrou), é do Paraná, fica no Oeste. O Motorista da caminhonete estava a caminho de Campo Mourão, e ultrapassou. Outro carro que estava vindo e aconteceu a batida (contra caminhonete). Então aconteceu, a polícia quis fazer o bafômetro no homem que fez a ultrapassagem para verificar se ele tinha álcool ou não. Não tinha nada de álcool mesmo. Fez ultrapassagem e bateu no outro carro. No carro, dois homens de 35 e 48 anos, também uma mulher de 36 anos foram mortos. Os corpos foram encaminhados para o IML em Campo Mourão (sinalizou e soletrou). E o motorista da caminhonete, 24 anos, teve o corpo machucado levemente e foi encaminhado para Ubitatã (sinalizou e soletrou), quando ele estiver estável, a polícia vai divulgar sobre o motorista da caminhonete que cometeu homicídio. Terminei o assunto do jornal (Leo).

Houve perguntas sobre o significado de palavras como bafômetro e homicídio, que são palavras bastante comuns em jornais. A palavra apontou também não foi compreendida por alguns sujeitos, entretanto, após estes esclarecimentos por parte da pesquisadora, conseguiram avançar, como Rui, que não sabia o que era homicídio. Posteriormente à explicação, porém, inferiu que a polícia já havia investigado o que havia acontecido e que, em seguida, divulgaria pela internet.

Então, o jornal espalhou o acontecimento. 3 pessoas bateram, ops, desculpe. Espere. (Lendo novamente). Foi pouco tempo atrás, sexta-feira de 29, três pessoas morreram por causa de um acidente. Um carro e uma caminhonete. A Polícia Federal investigou o que havia acontecido lá na mesma rua, local é KM 422, o caminho é perto de Ubitatã no Oeste do Paraná. Então, a polícia investigou sobre acontecimento, a caminhonete no caminho bateu em outro carro, dois veículos envolvidos. A polícia investigou ele, que fez bafômetro, nada de álcool. Outros homens acidentados no carro ficaram, mortos. Tinham 38 e 48 anos de idade, não é, é 35 (errou 38), e uma mulher de 36 anos de idade ficaram mortos no carro. Os corpos foram levados para Campo Mourão e os mortos deixados no IML. O motorista da caminhonete ficou ferido e doente, e foi levado para um hospital em Ubitatã. A polícia investigou o que havia causado o acidente, levando à morte de 3 pessoas. Depois ela vai divulgar pela internet (Rui).

Palavras polissêmicas em Português também se configuraram como problema na interpretação da notícia pelos surdos, pois, para a expressão ‘segundo a polícia’, três colaboradores interpretaram como número ordinal, o que comprometeu a interpretação. Outra palavra que gerou dúvidas foi ‘acordo’ (de acordo) que um dos sujeitos não sabia se se tratava de ‘confirmação’ (de acordo) ou de ‘despertar’ (acordar pela manhã).

Elô fez uma primeira leitura e perguntou as palavras que não conhecia, como ‘apontou’ e ‘homicídio’. Nada perguntou sobre a palavra segundo, que interpretou como número ordinal. É intrigante como mesmo ficando completamente sem sentido o texto, ao se interpretar “Segundo a Polícia ...” como 2º a Polícia, isto não a intriga. Além disso, mesmo interpretando palavra por palavra, omite trechos importantes, como, por exemplo, que os corpos foram levados ao IML de Campo Mourão e também parece não compreender que ‘corpos’ referem-se a cadáveres, pois afirma que o corpo do motorista da caminhonete e não o motorista da caminhonete foi levado ao hospital de Ubitatã.

Assunto é notícia de jornal sobre acidente. 3 pessoas morreram de acidente de veículos batidos de frente. Era um carro e

uma caminhonete. Sexta-feira, dia 29, o segundo (número ordinal 2º de Polícia Federal foi no local de trânsito, KM 440, é o local de trânsito em cidade de Ubitatã (soletrou), no Oeste (soletrou) do Paraná. O Motorista da caminhonete foi para Campo Mourão que bateu contra o carro, fez exame de bafômetro e não foi encontrado nada de álcool. 2 homens, um com 35 e o outro com 48 anos de idade e, uma mulher com 36, morreram, no carro, no mesmo lugar do acidente (mesmo lugar na PRF). O motorista da caminhonete, 24 anos, ficou ferido, seu corpo foi para hospital de Ubitatã (soletrou). Ele responderá pelo motivo do acidente que levou ao que aconteceu: 3 pessoas mortas dentro do carro (Elô).

Um sujeito pensou que Instituto Médico Legal referia-se a “um médico legal”, conforme vimos anteriormente, na transcrição da entrevista de Eva, no sentido de ‘médico (profissional) agradável, simpático’. A expressão ‘Polícia Rodoviária Federal’, ao ser traduzida palavra por palavra, dois sujeitos fizeram sinal de Rodoviária (ponto de ônibus), e o sentido ficou “Polícia da Estação Rodoviária Federal”, embora aparentemente ter compreendido do que se tratava. Isto é, neste caso, a própria Libras, ou a tentativa de aproximação entre a Libras e o Português, foi o que causou problemas aos sujeitos.

O assunto do é Jornal um acidente de veículo. Vou explicar a história. Três pessoas sofreram acidente de veículo. Um carro aqui e um caminhão simples pequeno em outro lugar. Foi de manhã, sexta-feira passada. A Polícia, PRF (Polícia da Rodoviária) foi ao local. O acidente foi no KM 442, não sei onde fica. É em Ubitatã, a cidade, região.... O motorista de caminhão, um homem, ia rumo a Campo Mourão. O outro veículo, era um carro. Os dois bateram de frente. Um homem veio ver (fazer) exame de bafômetro, e não constatou nada de álcool, nada mesmo, nem pinga. Dois homens, de 35 e 48 anos de idade, morreram e também uma mulher de 36 anos de idade, todos foram morreram no carro. Os quatro corpos... não! Os três corpos foram levados para IML em Campo Mourão. O homem do caminhão pequeno, foi levado para Ubitatã, ele teve ferimentos leves, simples e ficou no hospital (de Ubitatã). Simples é só isso (Lara).

Caio também confunde ‘segundo’, no sentido de ‘de acordo com’; com 2º; confunde ingestão com intestino delgado; faz inferências sobre como o acidente aconteceu e de que a polícia divulgará os resultados da investigação. Entretanto, faz questão de estabelecer o significado de Polícia Rodoviária Federal, explicando que não se trata da ‘estação Rodoviária’. Entende que ‘corpos’ referem-se aos mortos e é o único que utiliza ‘homicídios’.

O assunto é o Jornal que divulgou: 3 pessoas mortas por causa de um acidente de carro. Um carro e uma caminhonete, sexta-feira de manhã, dia 29. Segundo (pensou era segunda-feira, mas corrigiu para número ordinal) polícia PRF (narrou que o significado da sigla é Polícia Federal). O acidente foi entre dois veículos, com colisão frontal, no KM 442 BR 369, em Ubitatã, no Oeste do Paraná. De acordo com a Polícia, o motorista da caminhonete estava indo no sentido para Campo Mourão, no Oeste do Estado. Ele precipitou na estrada e ultrapassou na pista contrária (outra pista), errou e aconteceu o acidente com o outro veículo (carro) que estava vindo. Aconteceu, os dois bateram de frente, mas a Polícia já fez o teste do bafômetro para ver se tem álcool, mas não tem nada, o intestino delgado (para Ingestão) nada álcool. Dois homens, com idade de 35 e outro 48 anos, e uma mulher de 36 anos, estavam no carro, mortos e foram levados para o IML de Campo Mourão. No outro veículo, a caminhonete, um homem com 24 anos de idade, teve ferimentos leves (simples). Ele foi levado para o hospital de Ubitatã. Segundo (sinal de número ordinal) Polícia Federal vai investigar sobre 3 homicídios e depois divulgará (Caio).

Vale destacar que a Libras não se mostrou insuficiente apenas nestes casos, pois alguns sujeitos recorreram à soletração, em muitos deles, indicando desconhecimento de vários sinais.

Nenhum sujeito sinalizou a palavra ‘invadir’ e, estranhamente, nenhum deles perguntou o seu significado, demonstrando como eles estão habituados a contextualizar o que leem. Dessa forma, a compreensão da notícia é influenciada pelas inferências pessoais, então, ao se defrontar com lacunas em sua interpretação, algumas vezes decorrentes da incompreensão dos significados

das palavras, a imaginação dos sujeitos procura 'explicar' o ocorrido, complementando essas lacunas. Nesse caso específico, a 'contextualização' não causou grandes prejuízos à compreensão do texto, embora uma 'invasão da pista contrária' possa ocorrer em diferentes circunstâncias que não a de uma ultrapassagem 'precipitada' ou em 'local proibido'. Mesmo quando não há lacunas, como quando entenderam segundo como 2º, parece que os sujeitos 'criam' a lacuna, ou seja, não consideram a palavra em questão ao buscar estabelecer sentido para o que leem.

Considerações finais

Como já comentamos anteriormente, ficou demonstrado que os sujeitos leram várias vezes o texto impresso e o interpretaram em Libras, sem recorrer ao papel, enquanto outros interpretaram simultaneamente com a leitura do texto. Sete dos sujeitos não identificaram as preposições, por exemplo, 'no carro', em Português escrito, e que deveria ser interpretado por 'dentro carro' em Libras, foi reconhecida apenas por 'carro', o que não retrata a realidade da notícia, pois, 'estar dentro' é diferente de 'estar fora' do carro.

Foi unanimidade entre os entrevistados que conhecer a Língua Portuguesa na modalidade escrita é fundamental para os surdos. Dessa forma, todos reconhecem a importância desse conhecimento, mas nem todos têm clareza das próprias limitações na interpretação de textos. Ficaram evidentes as dificuldades dos surdos em compreender a notícia e, principalmente, de serem fiéis ao que estavam lendo.

Com base nisso, é válida uma menção à cultura surda. É fato que, enquanto no meio ouvinte dificilmente pessoas iletradas e cultas convivem intensamente no meio social, com exceção das relações familiares, esta situação é bastante comum entre os surdos, fora do contexto escolar e familiar, sem que o fato de ser iletrado em Língua Portuguesa se constitua em fator de exclusão social ou de preconceito na comunidade surda. A comunicação entre surdos letrados e iletrados é, portanto, uma constante, razão pela qual a utilização do recurso "vídeo" seja praticamente indispensável para essa comunidade.

Nossa investigação mostrou, ainda, que embora todos os sujeitos colaboradores fossem educados na perspectiva oralista, e, portanto, com ênfase na aprendizagem da Língua Portuguesa, apresentaram dificuldades na interpretação de textos. Então, conjecturamos: o avanço tecnológico atual, em que a comunicação virtual é possível de ser feita em Libras não seria prejudicial à aprendizagem da escrita? Os próprios sujeitos afirmaram que, com a possibilidade da comunicação a distância em Libras, cada vez mais se restringe o uso social do Português escrito. Este fato, aliado às demais conquistas dos surdos, como o direito ao intérprete, particularmente o intérprete educacional; os critérios diferenciados para a correção de questões discursivas ou produções textuais podem minimizar os esforços dos estudantes surdos e da própria escola no ensino da escrita e da leitura. Assim, como os surdos estão utilizando, cada vez menos, esta modalidade da língua no seu cotidiano e com o direito a que a Libras seja a língua veicular nas escolas bilíngues ou inclusivas, não estaríamos correndo o risco de tornar nossos surdos cada vez mais iletrados no idioma nacional?

Não estamos aqui desconsiderando a importância dessas conquistas, o que propomos é que, uma vez tendo o surdo adquirido sua primeira língua, a Libras, que o ensino da Língua Portuguesa escrita constitua parte integrante e prioritária nos currículos das escolas inclusivas e bilíngues, ou seja, que os surdos tenham acesso a um currículo adaptado que contemple esse estudo.

Referências

- Almeida, E. O. C. (2000). *Leitura e surdez: um estudo com adultos surdos não oralizados*. Rio de Janeiro: REVINTER.
- Fernandes, S. (2003). *Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Pr, Brasil. Recuperado em 21 outubro, 2017, de <https://pt.slideshare.net/nildaoc/tese-de-doutorado-sueli-fernandes>
- Fernandes, S. (2006). *Letramentos na Educação Bilíngue para Surdos*. In A. P. Berberian, C. C. Mori-de-Angelis, & G. Massi (Orgs.). *Letramento: referências em saúde e educação* (v. 1, p.117-144). São Paulo: Plexus.

- Ferreiro, E., & Teberosky, A. (1986). *Psicogênese da língua escrita*. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Furth, H. (1968). *Thinking without language: the psychological implications of deafness*. New York: The Free Press.
- Gesser, A. (2009). *LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Goldfeld, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista*. São Paulo: Plexus, 1997.
- Karnopp, L. B., & Pereira, M. C. C. (2013). *Concepções de leitura e de escrita na educação de surdos*. In A. C. B. Lodi, K. M. P., Harrison, & S. R. L. Campos (Orgs.). *Leitura e escrita no contexto da diversidade* (p. 33-38). Porto Alegre: Editora Mediação.
- Laborit, E. (1994). *O voo da gaivota*. São Paulo: Best Seller.
- Lei n. 10.436, de 24 de abril (2002)*. Recuperado em 21 outubro, 2017, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm
- Lodi, A. C. B. (2013). *O poder da escrita e a escrita do poder*. In A. C. B. Lodi, K. M. P., Harrison, & S. R. L. Campos (Orgs.). *Leitura e escrita no contexto da diversidade* (p. 19-26). Porto Alegre: Mediação.
- Lopes, M. C., & Rech, T. L. (2013). Inclusão, biopolítica e educação. *Revista Educação*, 36(2), 210-219. Recuperado em 21 outubro, 2017, de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/12942/9452>
- Pereira, M. C. C. (2000). *Prefácio*. In E. O. C. Almeida. *Leitura e surdez: um estudo com adultos surdos não oralizados* (s/p.). Rio de Janeiro: Revinter.
- Perlin, G. *Identidades surdas*. (1998). In C. Skliar, (Org). *A surdez: um olhar sobre as diferenças* (p. 51-74). Porto Alegre: Mediação.
- Santaella, L. (1983). *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense.
- Silva, T. S. A. (2008). *A aquisição da escrita pela criança surda desde a educação infantil*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil. Recuperado em 21 outubro, 2017, de http://www.ppge.ufpr.br/teses/D08_silva.pdf
- Soares, M. (2004). Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, 36(2), 5-17. Recuperado em 21 outubro, 2017, de <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>

Recebido: 17/05/2017
Aceito: 27/07/2017